

A Pintura Popular



Roberto Salgado de Carvalho

A PINTURA POPULAR

Roberto Salgado de Carvalho

1ª edição

2022

Copyright © Roberto Salgado de Carvalho.

2022

Todos os direitos reservados.

Revisão e Diagramação: Josy Souza - Portal Estante da Josy

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Carvalho, Roberto Salgado de

A pintura popular [livro eletrônico] / Roberto Salgado de Carvalho. -- 1. ed. -- Sorocaba, SP : Portal Estante da Josy, 2022.

PDF.

ISBN 978-65-997526-4-3

1. Arte naíf 2. Arte naif - Brasil I. Título.

22-121903

CDD-759.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte naíf : Pintura : Brasil 759.981

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

À minha mãe.

Sobre o autor

Roberto Salgado de Carvalho nasceu no Rio de Janeiro em 1959. Formou-se em professor de Educação Artística e lecionou em comunidades, em Santa Cruz e no Andaraí. Radicou-se desde 1987 nos EUA, trabalhando como professor de Educação Artística, primeiro na capital e, atualmente, no estado de Maryland. Publicou em inglês dois livros sobre arte brasileira: “Brazilian Rock Paintings and Shamanism” (2009) e “The Mysterious Stone” (2014). Roberto também publicou em português “Breve História da Arte Popular” (2021), “A Pedra Misteriosa” (2022), “Interpretações Pictóricas das Artes Indígenas do Brasil” (2022) e “O Monólogo do Silêncio” (2022).

Roberto também é pintor e participou de exposições nos EUA, Canadá e Europa. Algumas de suas obras fazem parte dos acervos das seguintes instituições: Museu do Folclore Edison Carneiro (RJ), Museu Internacional de Arte Naif (RJ), Museu Municipal da Estância de Socorro (SP), Musée International D’Art Naif (Canadá), Mas Foundation (França), Museo Nazionale Delle Arti Naives (Itália) e Gallery Pro Arte Kasper (Suíça).

Prefácio

Quando apresentei o meu livro “*Breve História da Arte Popular*” a alguns amigos, eles gostaram das ilustrações que eu fiz para ele. Então tive a ideia de lançar um livro com reproduções de obras criadas ao longo dos anos no estilo *naif*. São obras simples e despretensiosas.

Sempre gostei de desenhar e pintar. O desenho mais antigo que me lembro de ter feito foi do *Morro do Corcovado*. Eu deveria ter uns quatro ou cinco anos e fui provavelmente influenciado por propagandas de TV e publicações sobre o *Quarto Centenário do Rio de Janeiro*. Lembro-me também de desenhar por essa época personagens de séries importadas para a TV, como as marionetes do “XL5”, ou personagens da série “*Perdidos no Espaço*”.

Através de minha infância eu tive também muito acesso a revistas em quadrinhos (*Super-Homem, Batman, Fantasma* e, principalmente, *Mickey e Tio Patinhas*) e livros ilustrados (*Mundo da Criança, Cazuza de Viriato Corrêa, Monteiro Lobato, etc.*) cujo “realismo” das ilustrações eu admirava. Ou seja, como ocorre em geral com crianças da classe média carioca, eu tinha acesso à arte importada e as suas cópias nacionais.

Lembro bem do único concurso de desenho do qual participei quando criança. Se chamava, segundo o diploma de menção honrosa que guardo ainda hoje, “*A Criança e a Caravela*”. Não me lembro como era o desenho, acho

que era com lápis cera. Minha mãe-coruja achou que eu não ganhei o concurso por ela ter consertado umas linhas retas de um móvel que eu desenhei tortas e que, devido a minha idade, era evidente para os juízes que o desenho fora corrigido por um adulto. Talvez sim, talvez não.

Quando fui para a *Escola de Belas Artes da UFRJ*, minha exposição à arte importada continuou. Apesar de eu fazer algumas gravuras inspiradas nas gravuras nordestinas que eu admiro até hoje, eu também procurei criar, naquela época e por alguns anos depois, um estilo mesclando o importado europeu com geometria pseudo-indígena em pinturas, além de produzir retratos na maioria reproduzidos no meu livro "*O Monólogo do Silêncio*". Levou muito tempo para eu, gradualmente, compreender a necessidade de aprender as riquezas das culturas regionais brasileiras. Como bem expressou Paulo Emílio Salles Gomes, o brasileiro, da classe média para cima, é um exilado na sua própria terra, desconhecendo as tradições locais de grande parte da população que são menos dependentes da cultura importada.

Na minha busca por uma arte original, que somente a vivência do povo menos descaracterizada pelas importações poderia prover, estudei a arte de vários grupos indígenas e passei a criar obras baseadas nos princípios das artes deles. Uma coletânea desse trabalho foi publicada com o título "*Interpretações Pictóricas das Artes Indígenas do Brasil*". Ao mesmo tempo, comecei a travar contato maior com o estilo *naif* quando li "*Genius in the Backlands*", escrito pelo pesquisador estadunidense Selden Rodman. Identifiquei-me totalmente. Aprendi muito do trabalho de

Waldomiro de Deus abordado no livro. Mas, muitos antes de eu conhecer esse livro, como já mencionei, eu fiquei impressionado com a obra dos gravadores nordestinos e me aventurei por ela em alguns trabalhos de xilogravura que eu fiz, além de também ter realizado obras naifs sem me aperceber disso.

Porém, a grande influência na minha obra foi Heitor dos Prazeres. Com ele eu aprendi a pintar a ginga do povo. Antes de ser influenciado por Heitor, eu fazia principalmente caricaturas, algumas das quais estão neste livro. Mas, pouco a pouco, as lições de Heitor foram sendo absorvidas no meu trabalho, ainda que o meu trabalho aborde também temas diferentes dos dele. Como ele eu enfoco geralmente as classes pobres.

Para explicar meus temas relacionados às classes pobres, é necessário considerar que as pessoas que moram nas favelas do Rio de Janeiro criam estratégias para celebrar a vida, apesar das pressões sociais a que estão sujeitas. Elas não são apenas “os oprimidos”. Em vez disso, elas são obviamente seres humanos que amam, odeiam, desfrutam e sofrem. Elas são, como todos nós, manipuladores e vítimas nas relações com o próximo, movidos pela irracionalidade dos sentimentos humanos.

A propaganda das classes dominantes busca desumanizar os favelados focalizando o alto índice de criminalidade das favelas, a falta de conhecimento dos favelados sobre a cultura oficial, etc. Obviamente, a luta pelo poder se manifesta nas favelas, como em todas as sociedades, também nas relações interpessoais da vida cotidiana.

Meus trabalhos são criados quase que espontaneamente. Geralmente eu começo com um tema em minha mente e não costumo fazer esboços. No entanto, como mencionei anteriormente, meu estilo é influenciado pela arte popular nordestina, principalmente no que diz respeito ao uso da cor. A cor intensa usada por vários grupos indígenas e por muitos autores nordestinos impressiona-me até hoje.

A arte *naif* apresenta momentos muito originais no Rio de Janeiro, principalmente no encontro entre a colonização portuguesa e a cultura de origem africana. Esta mistura singular de cultura afro-portuguesa é o foco do meu estilo.

Apesar de o meu estilo de pintura poder ser catalogado como arte *naif*, prefiro considerá-lo como uma espécie de arte popular que oscila entre o que aprendi de mestres como Heitor e a minha formação de classe-média, me inclinando ora para Heitor e ora para a classe-média. Por isso, na minha opinião, minhas obras não refletem unicamente nem a psicologia das massas que se manifesta no folclore, nem a criação mais individualizada dos artistas menos influenciados pela cultura importada como Heitor. Mesmo assim, minha aspiração atualmente é de que meu trabalho possa ser compreendido pelas pessoas em geral e principalmente pelos que pertencem ao nível social que a maioria das minhas pinturas retratam.

Seja como for, para mim não é crucial a forma como minhas pinturas são rotuladas ou definidas em termos de um estilo de pintura. O mais importante, realmente, é a própria obra de arte e a capacidade que ela tem em uma dada sociedade de comunicar ideias e permitir diferentes

interpretações e conclusões do público. Como escreveu Machado de Assis, “a obra é tudo”. O que resta é a opinião de cada pessoa.

Observações

Algumas pinturas minhas são datadas, outras não. Poucas possuem título e poucas são a óleo. A grande maioria foi feita com acrílico e canetas. Sou artista da linha e, por essa razão, eu gosto da linearidade das canetas. A maioria é em formato 40,6 x 50,8 cm. Minha opção, porém, foi de não apresentar os dados de cada pintura. Prefiro que o leitor se concentre em como ele capta as imagens ao invés de dirigi-lo por meio de títulos das obras apenas a uma conclusão minha. Limito-me a dizer que escolhi a maioria dos trabalhos que eu gosto. Eles se referem às minhas experiências ou ao que vi e escutei durante minha jornada, até a pintura final de mim mesmo meditando só.

PINTURAS



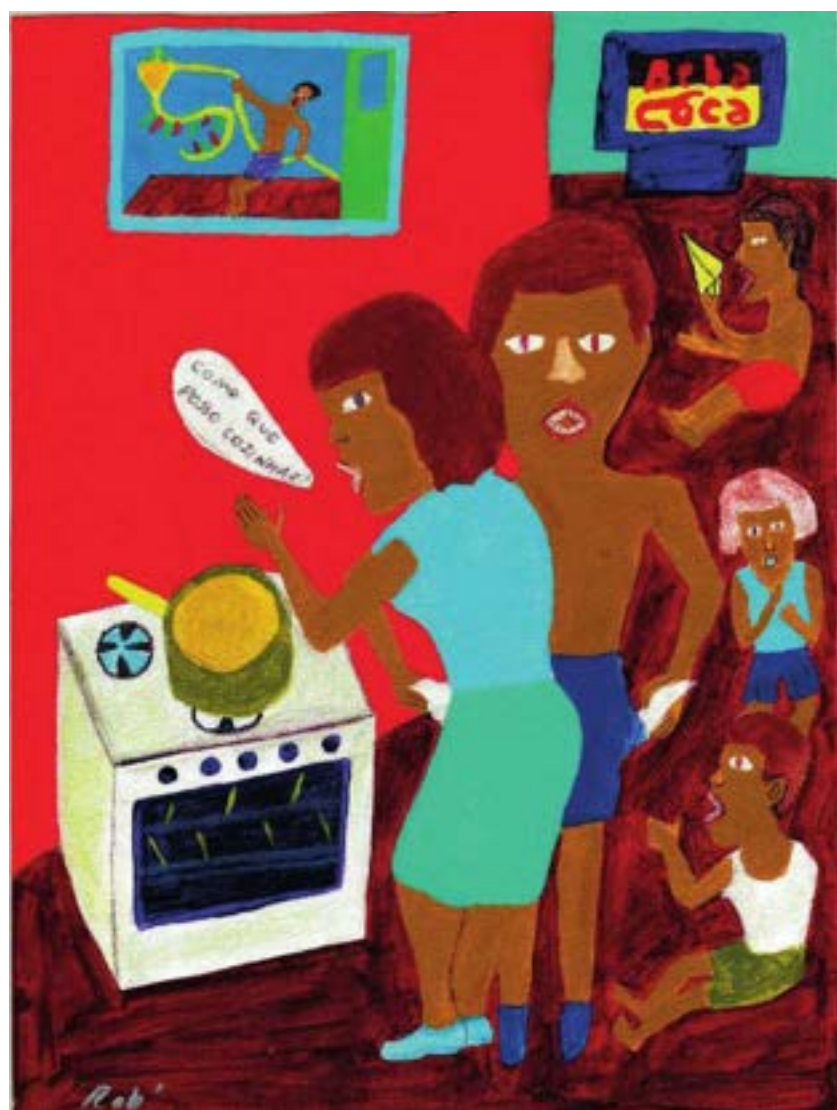










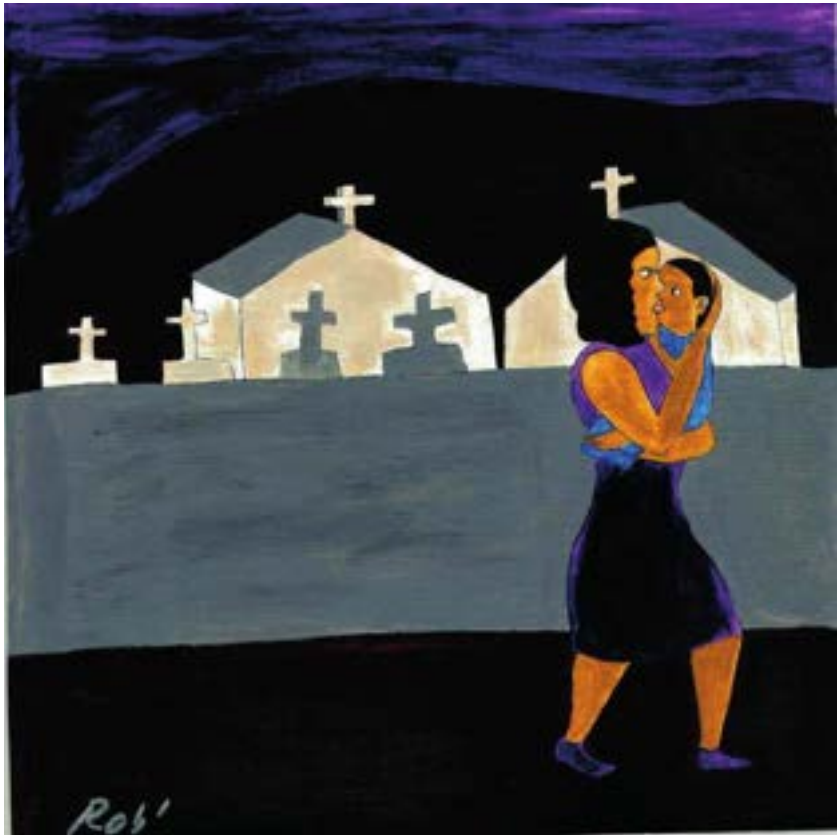










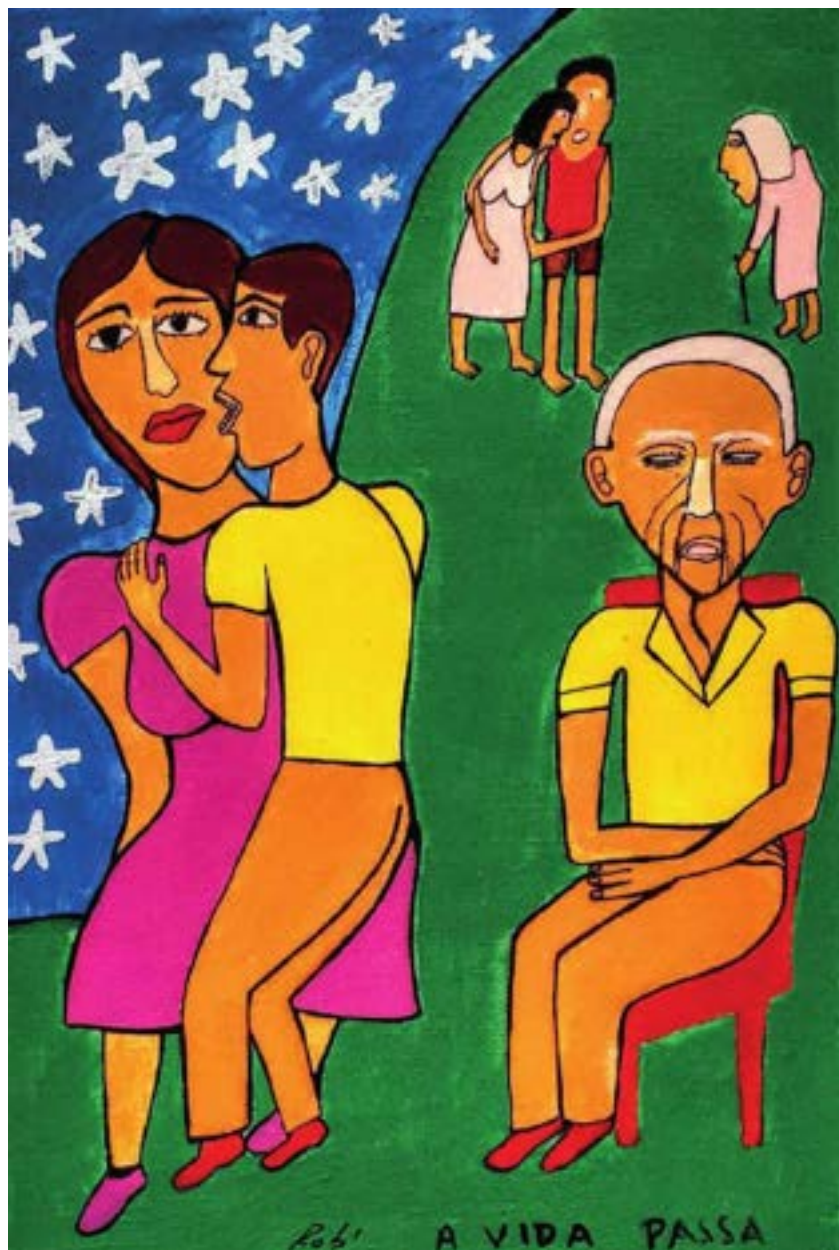


Rob'









A VIDA PASSA

